

7 julho, 1982, jornal de Notícias Porto

**BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE**

REVISTA DE IMPRENSA    Publicação Jornal de Notícias

Local Porto    Data 07/07/82    Série \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

## Tempestade nas dunas de Esposende (4)

# RETIRANDO AREIAS EXPÕEM OS CAMPOS À ÁGUA SALGADA!

— aviso de uma voz autorizada

Texto de FERNANDA GOMES ● Fotos de MARCO

O eng. Ilídio Araújo é um especialista que conhece profundamente a região de Esposende. Trabalhou durante 24 anos na Direcção-Geral de Planeamento Urbanístico, é agora um quadro da Direcção Regional de Agricultura. É uma voz autorizada e afastada das polémicas locais. Ouvimo-lo defender a preservação das dunas bem como os solos agrícolas que, são nesta faixa costeira de Aveiro a Norte, o que de melhor há nosso país, e também cada vez são mais ocupados por construções. Se continuam a encher de cimento os melhores campos portugueses, (5%), então, adeus independência — teremos de comprar mais e mais o pão que comemos. Ou teremos até de fazer a horta sobre o telhado.

*gativas por várias razões. A primeira e porque o mar está novamente a avançar para o interior. O mar tem avançado e recuado ao longo das eras geológicas. Antigamente esteve junto a escarpa que existe por cima de Belinho, S. Bartolomeu do Mar. Recuou bastante para a plataforma continental e agora está novamente a avançar para o interior. Essa faixa de areias depositadas ao longo do litoral actua como defesa e protecção das terras interiores, sobretudo quando há marés violentas. Retirando as areias, vão expor-se certas áreas a penetração da água e ainda por cima salgada!*

de defesa contra os ventos marítimos. Na medida em que existe uma duna estabilizada, é possível a sua retaguarda estabelecer cortinas de vegetação arbórea e, portanto, defender a faixa interior, numa extensão muito apreciável, dos ventos daninhos do mar, ventos salgados e por vezes de demasiada intensidade. Essas cortinas de vegetação conseguem reduzir, numa extensão significativa, a velocidade dos ventos.

... Não se trata, só de uma relação equilibrada com os zonas agrícolas, da retaguarda. As dunas são indispensáveis à praia, como explica o eng.º Ilídio Araújo.

— A destruição da duna primária ao longo de Esposende pode trazer, ou não, más consequências para a zona agrícola? — Tem consequências negativas para a zona agrícola? — Tem consequências negativas para a zona agrícola?

A duna protege do mar e dos ventos: — Porje actuar como factor

— O verdadeiro parque nacional português que milhões de pessoas anualmente procuram para repousar são as praias. E essas praias, para sa-

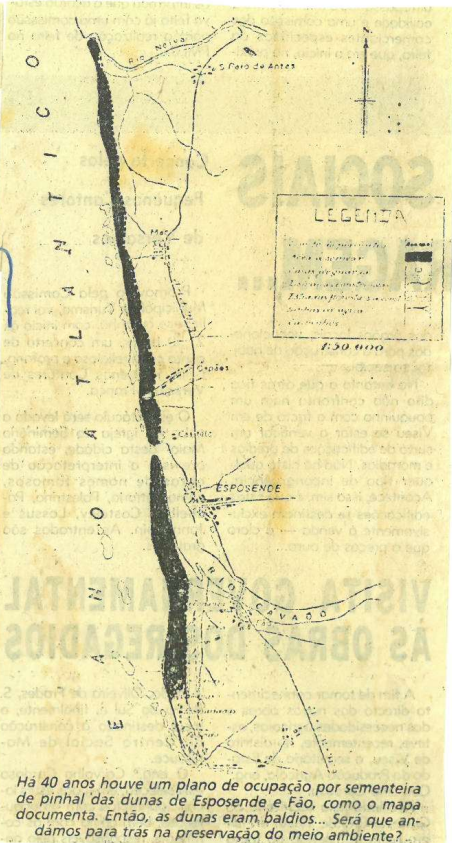
tistarem em todas as suas aptidões recreativas, têm que ter um certo enquadramento. A duna provoca o enquadramento mais adequado, porquanto está sempre em equilíbrio com a própria praia. Além disso, há em algumas man-

chas das dunas que estão mais intactas e que são menos coladas conjuntos de vegetação que vêm já da época terciária, vegetação muito antiga e já rara a nível europeu e que deve ser preservada por razões de interesse científico. É um património natural que ali temos e não sabemos qual o valor dele e até que ponto podemos precisar dele no futuro.

**AS MELHORES TERRAS DO PAÍS**

Os riscos que corre Esposende, bem como terras vizinhas, não se limitam ao de destruição da orla marítima mas estendem-se à má utilização dos campos. Diz-nos:

— O problema principal, a meu ver, é exactamente o da faixa de solos agrícolas interiores. Esses é que são fundamentais para a nossa sobrevivência e para a nossa independência política, porque na medida em que dependemos, pela boca, de países estrangeiros, adeus independência. Ora estas são exactamente terras em que se pode tirar, por hectare, o sustento anual para 38 pessoas, enquanto nas melhores terras do Alentejo raramente se consegue o sustento de mais de cinco por hectare. E os custos



Há 40 anos houve um plano de ocupação por sementeira de pinhal das dunas de Esposende e Fão, como o mapa documenta. Então, as dunas eram baldios... Será que andámos para trás na preservação do meio ambiente?

de produção são muitíssimo mais baixas em terras dotadas de um lençol frático de pequena profundidade, como acontece nesta plataforma de abrasão que existe ao longo do litoral, onde conseguimos ter culturas contínuas de Verão e de Inverno, porque, ainda por cima, são zonas que não sofrem os efeitos das geadas como acontece em todo o resto do país. É possível essa cultura contínua, sem necessidade de rega, chegar a fazer três ou quatro culturas na faixa litoral. Isto representa um capital precioso para o país, porque temos uma área pequeníssima de terrenos nessas condições, talvez cinco por cento da área agrícola total.

Estes terrenos excelentes estão na faixa litoral, de Aveiro para o Norte, que é exactamente a zona onde se constrói mais... E no entanto... acontece que ali um quilo de batatas multiplica por 20, enquanto em Trás-os-Montes ou na Beira Alta dificilmente atinge as oito ou dez sementes e ainda por cima com necessidade de rega. As diferenças de custo de produção são capazes de ser de um para vinte...

#### JULGAM QUE «DESENVOLVIMENTO» É CONSTRUIR CASAS...

Vendo um mapa assinalando as áreas de melhor aptidão agrícola, verifica-se facilmente: esses campos estão pejudados de construções e que não se destinam aos agricultores, mas a pessoas que nada têm a ver com o amanho da terra. Acontece em Esposende, logo a norte do Cavado.

Claro que o concelho tem o tal plano de ordenamento muito bem feito. Mas... quem lhe liga?



«Há em algumas manchas das dunas que estão mais intactas e que são menos calcadas conjuntos de vegetação que vêm já da época terciária, vegetação muito antiga e já rara a nível europeu e que deve ser preservada por razões de interesse científico. É um património natural que ali temos e nem sabemos até que ponto podemos precisar dele no futuro».

O eng.º Ilídio Araújo, que trabalhou duas décadas na Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, conta um pouco do que acontece nas «guerras» com as câmaras:

— As pessoas têm em geral conceitos errados de desenvolvimento e julgam que o desenvolvimento é construir muitas casas e esquecer-se que e, sobretudo, qualidade de vida. É necessária a urbanização, a aglutinação das populações em aglomerados urbanos, porque não há possibilidade de conseguir um nível de vida satisfatório com a dispersão. A

concentração urbana e condição «sine qua non», sobretudo em países pobres como o nosso. O que importa e que esse crescimento urbano fosse orientado para, certas áreas onde não causasse prejuízos à economia geral da paisagem. Mas isso pressupõe a expropriação de terras nos sítios mais convenientes para concentração dos serviços, dos equipamentos, e para depois as populações construírem as habitações nesses locais onde estão situados os serviços.

**UM CAMPO LEVA ANOS PARA DESSALGAR**

— Como disse, o mar está a avançar em toda a costa de Cortegada para norte. Se se arrasar a duna avançará mais rapidamente...

— Sim e corre-se o risco de abrir pontos de ruptura em altura de mares vivas mais intensos ou em temporais. E um ter-

— É a zona de agricultura mais intensiva do país, esta, o Algarve e nalgumas zonas a volta de Lisboa; a produção hortícola. Mas as necessidades nacionais de produtos hortícolas não têm comparação, em volume e em peso, com as necessidades de alimentos energéticos — batata, pão, arroz, carne, feijão, leguminosas... — isso é que absorve uma grande parte da área agrícola de pro-



Eng.º Ilídio Araújo: «O mar está a avançar para o interior. Essa faixa de areias depositadas ao longo do litoral actua como defesa e protecção das terras interiores, sobretudo quando há marés violentas».

reno leva anos para dessalgar. — Por outro lado, o sargão continua a ter valor como adubo?

— Se queremos fazer uma agricultura intensiva, temos necessidade de estrumar e o sargão é um belo estrume. Os estrumes são caros, todos eles, é mais um facto de encarecimento das culturas.

— Esta faixa agrícola de Aveiro ao norte o que é que produz?

— Os produtos hortícolas, tem uma função correctiva como complementos vitamínicos e sais minerais provenientes das frutas e das hortícolas. Nesta faixa cultiva-se o milho, a carne, o leite, e, nas zonas privilegiadas, os produtos hortícolas.

**A seguir:**

**« Um monstro de cimento devorou pinhal e rouxinóis »**

**Empresa do JORNAL DE NOTÍCIAS, SARL SERVIÇO DE FOTOCÓPIAS**

**«Roubam-me uns Deus, outros o Diabo...»**

**2000 cidadãos denunciam crimes ecológicos**

Dirigido ao ministro da Qualidade de Vida bem como a todos os grupos parlamentares da Assembleia da República, correu um abaixo-assinado pelo concelho que registou uma maciça adesão dos esposendenses. A data da reportagem mais de 2100 a tinham subscrito já. Dizia:

«Os abaixo-assinados, habitantes das localidades de Esposende, Marinhãs, São Bartolomeu do Mar, Belinho e Antas, do concelho de Esposende, e demais cidadãos interessados em defender a beleza natural do concelho, vêm solicitar a Vossas Excelências a tomada de medidas relativamente ao atentado ao meio e à paisagem que vem sendo cometido nas localidades acima citadas, denunciando como crimes ecológicos os casos que a seguir se indicam:

1 — Ocupação maciça da duna primária a norte da foz do Cávado, com privatização da praia e desmonte da duna na altura de três metros;

2 — Derrube de árvores em vários locais do único parque arborizado de protecção a Esposende, nomeadamente na Avenida do Padre Sá Pereira, para a construção de um prédio com uma ocupação na ordem das 600 a 700 pessoas por hectare, num local onde foi sempre proibido construir, obra que está a ser levada a cabo sem licença para construção, e no aldeamento de Sozendo e no pinhal dos Belgas, com a construção de prédios em espaços anteriormente previstos para lazer, com alteração arbitrária de um primitivo projecto de urbanização da zona;

3 — Derrube de árvores e alteração paisagística no Monte das Marinhãs, numa extensão de 400x300 metros, onde está prevista a colocação de uma britadeira, o que acarretará a poluição das áreas periféricas e, possivelmente, o desmoronamento da capela de São Lourenço.

Tendo em conta os casos de agressão ao meio acima mencionados e outros ocorridos noutras localidades do concelho e considerando que a Direcção-Geral de Planeamento Urbanístico e a Câmara Municipal de Esposende realizaram um estudo prévio de ordenamento concelhio, presentemente em fase de elaboração definitiva, com divulgação do mesmo junto das populações, os abaixo-assinados são obrigados a concluir que a Câmara Municipal de Esposende está a actuar em contradição flagrante com os princípios enunciados neste estudo-projecto e exigem das autoridades responsáveis uma intervenção urgente que ponha cobro às irregularidades que estão a ser praticadas e que são altamente lesivas do património nacional e da qualidade de vida das populações.

Destruindo as dunas e o pinhal, deixando o concelho à mercê da agressão do mar e dos ventos, permitindo a poluição na encosta do monte e entre os campos por uma britadeira e uma fábrica de alcatrão... o que é que ficará de pé nesta razão? A população que ali vive e trabalha bem pode lamentar-se como na canção: «Roubam-me uns Deus, outros o Diabo...».